

Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018.



A METODOLOGIA NA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto (UnB)

Yo soy yo y mi circunstancia.
(Ortega y Gasset).

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a questão da metodologia na ecolinguística. Antes de entrar no assunto propriamente dito, ele discute perfunctoriamente o próprio conceito de metodologia. Em seguida, apresenta um esboço histórico da metodologia na ecolinguística, começando com o sociólogo Michael Löwy, passando por Mark Garner, Hans Stroher e Joshua Nash. São eles que estabeleceram as bases para a ecometodologia, que é naturalmente multimetodológica. Para pôr em prática a proposta multimetodológica, adota a proposta do método da focalização de Garner – mesmo que seja com o auxílio de um especialista. Partindo de uma postura holística – a visão ecológica de mundo – o ecolinguista pode investigar fenômenos em nível microscópico mediante uma aproximação do foco e, em seguida, retornando à posição englobante para avaliar os resultados.

Palavras-chave: Ecometodologia; Focalização; Perspectiva; Visão geral; Ecolinguística.

Abstract: The objective of this article is to discuss methodology in ecolinguistics. It begins with a brief discussion of the very concept of methodology. Next, it sketches a history of methodology in ecolinguistics, beginning with the sociologist Michael Löwy, through Mark Garner, Hans Stroher and Joshua Nash. Building upon them ecomethodology is presented. In order to apply it Garner's focussing method is adopted, even if with the help of a specialist. It consists in zooming in and focussing tiny details of the object of study. With the results in hand, the investigator goes back to the holistic position – the ecological view of the world – in order to evaluate them.

Keywords: Ecomethodology; Focussing; Perspective; Holistic view; Ecolinguistics.

1. Introdução

A questão da metodologia é uma das mais espinhosas para qualquer modelo teórico. A respeito, existem duas posições extremas. De um lado temos aqueles que a menosprezam, caso de Noam Chomsky. Em Chomsky (1988), respondendo à pergunta sobre qual era seu método de investigação, ele respondeu:

Quanto a método de investigação, na verdade eu não tenho nenhum. O único método para investigação é olhar bem para um problema relevante e tentar levantar algumas ideias sobre como ele poderia ser explicado, mantendo a mente aberta para outras possibilidades de explicação. Mas, isto não é método. É apenas ser razoável e, até onde sei, esta é a única maneira de tratar de qualquer problema, quer seja ele um problema em seu trabalho como um físico quântico ou qualquer outro.

Há algumas áreas como a da Psicologia em que as pessoas fazem longos estudos sobre métodos de investigação. Há outras como a Física em que você não estuda métodos de investigação. De modo que no MIT o Departamento de Física não tem cursos sobre métodos experimentais, mas muitos departamentos de Psicologia usam grande parte do tempo sobre o que chamam metodologia (Chomsky 1988: 189).

De outro lado, temos aqueles que dedicam quase dois terços de seus ensaios falando de metodologia, o que já se pode vislumbrar nas palavras de Chomsky, que criou sua teoria contestando justamente essa visão. A área da psicologia a que ele se refere é o behaviorismo. Veremos, no entanto, que tanto a posição de Chomsky quanto a do behaviorismo são reducionistas, consequentemente, radicais e até mesmo parciais, uma vez que só veem um lado da questão.

Felizmente, há também abordagens teóricas que mesclam teoria com questões metodológicas. É o que fazem o materialismo dialético e o materialismo histórico, o que parece fazer um certo sentido, ligados ao movimento marxista. Eles não distinguem teoria de metodologia, além de seguir o procedimento dialético. Essa postura é a que mais se aproxima da visão ecolinguística subjacente a este ensaio.

No caso de abordagens novas em qualquer área do saber, sobretudo nas ciências humanas, uma das primeiras perguntas que se ouve é sobre que metodologia elas adotam. Com a ecolinguística não poderia ser diferente, embora os primeiros estudiosos não tenham se dedicado ao assunto, pois sua tarefa mais urgente era mostrar que ela existia e tinha direito a um lugar ao sol. Como veremos, a variante brasileira da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica tem levado o assunto a sério. Apesar de ser um dos ramos mais novos da ecolinguística, já dispõe de uma meia dúzia de reflexões sobre questões metodológicas, embora todas elas espargidas por diversos ensaios dedicados a outros assuntos. Em cada um deles há uma seção ou apenas um ou alguns parágrafos falando de metodologia. Porém, pelo menos Albuquerque (2015) e Silva (2015) são inteiramente dedicados à ecometodologia.

Diante de tudo isso, meu objetivo neste artigo é sistematizar tudo que já tem sido dito, tanto no Brasil quanto em outros países, e tentar mostrar como alguém que deseje estudar determinado fenômeno da linguagem da perspectiva da ecolinguística ou, mais especificamente da linguística ecossistêmica, pode proceder. Enfim, tentar deixar claro o que vem a ser a metodologia da linguística ecossistêmica, a **ecometodologia**, que é eminentemente uma multimetodologia.

Aliás, a ecolinguística não está sozinha no uso da multimetodologia. Ela é adotada também na psicologia ambiental ou ecopsicologia, na sociologia ambiental ou ecossociologia, na antropologia ecológica ou ecoantropologia (a expressão "antropologia ambiental" tende a não ocorrer). Enfim, toda ciência que adota o paradigma ecológico é, em princípio, multimetodológica.

2. Método

Meu objetivo não é discutir modelos de metodologia, que existem em grande quantidade. O que pretendo fazer é mostrar como a questão pode ser abordada ecolinguisticamente. A etimologia da palavra já dá um direcionamento sobre seu significado. Composta de *metá* (alvo, meta) e *odós* (caminho), a própria forma da palavra já diz que ela indica o caminho que se deve percorrer para ir do modelo teórico para os dados ou dos dados para o modelo teórico, para se atingirem os objetivos da pesquisa. O primeiro procedimento (teoria --> empiria) tem sido chamado de **método dedutivo**, ou hipotético-dedutivo; o segundo (empiria ---> teoria), **método indutivo**. Geralmente os praticantes de um e de outro são radicais, ou melhor, unilaterais; só consideram o lado a que se dedicam, ignorando por completo o outro. Veremos que a ecometodologia pode ir nas duas direções, partindo preferencialmente da empiria e indo na direção da teoria, como fazia o "pai" do método empírico, Francis Bacon (1561-1626), e retornando à empiria, percorrendo esse ciclo quantas vezes forem necessárias (COUTO, 2017b). Mas, ela pode também partir da teoria e ir na direção da empiria retornando em seguida à teoria, e vice-versa, em ambos os casos ciclicamente.

Um ótimo exemplo de uso do **método indutivo**, do estruturalismo americano, é o que foi praticado por Kenneth L. Pike, um dos formuladores da fonêmica e criador da tagmêmica, que se expandiu para a análise dos fenômenos culturais, como se pode ver no monumental *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior* (Glendale, CA: Summer Institute of Linguistics, 1954-1960). Nos anos oitenta do século passado,

ele proferiu uma palestra no extinto Summer Institute of Linguistics, em Brasília. Na ocasião, ele disse que ao chegar a um grupo indígena com o qual não há nenhuma língua para comunicação, o linguista treinado em transcrição fonética mostra uma folha de árvore a alguém que se mostrar mais simpático e, se ele proferir algum som, transcreve-o como pode. Depois o linguista mostra uma pedra e transcreve o som que essa pessoa do grupo proferir. Mostra a água e transcreve, e assim sucessivamente. Ao chegar lá pela décima ou vigésima palavra, ele já estará começando a ter uma vaga ideia da fonética-fonologia da língua local. Ao chegar a umas 400 a 500 palavras, ele já terá ideia até mesmo de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe. Com mais alguns dias de interação com os membros da comunidade e coletando mais dados, agora inclusive pequenas frases, o investigador já estará tendo uma ideia razoável da gramática dessa língua. Isso se completará quando ele estiver bastante familiarizado com a cultura local e começar a coletar narrativas.

É o melhor exemplo de aplicação do método indutivo na linguística de que já tive notícia. Eu tive o privilégio de assistir a essa palestra. Eu gostaria de acrescentar que os termos 'ético' e 'êmico' usados pelos antropólogos e outros cientistas sociais foram criados por Pike, baseado em 'fonética' e 'fonêmica'. Seu livro *Phonemics (Fonêmica)*, de 1947, aplica essa metodologia no estudo dos sons das línguas com a finalidade de estabelecer o quadro de fonemas e, logo a seguir, criar uma ortografia para a língua em questão. Esse era fim último do procedimento criado por Pike.

Um bom exemplo de aplicação do **método dedutivo** nos estudos linguísticos é a gramática gerativa de Noam Chomsky. No início, quando ela ainda era chamada de 'gramática gerativo-transformacional', seu praticante fabricava frases com base nas regras abstratas e as testava junto a falantes nativos, a fim de averiguar se as "aceitavam" ou não. Eu me lembro de ter visto linguistas aplicando testes de 'aceitabilidade', com base no 'desempenho (*performance*)' dos falantes. De qualquer forma, isso era um aspecto menor da teoria, pois o que importava era a 'gramaticalidade', uma vez que era ela que refletia a 'competência' dos falantes para produzir frases 'gramaticais'. Como parte dessa 'competência', eles eram capazes de julgar o que era 'agramatical'. Vale dizer, trata-se de um procedimento diametralmente oposto ao apresentado por Pike, que Chomsky menosprezava como sendo meros *discovery procedures* (procedimentos de descoberta).

Uma questão com a qual todo cientista tem que se avir é a da neutralidade relativamente ao objeto investigado, evitando que seu engajamento viesse o resultado. Em época

recente, duas posições foram defendidas. A primeira é a da objetividade total, ou seja, de que o cientista deve se manter inteiramente neutro frente ao objeto de estudo. Essa é a posição do positivismo de Comte e Durkheim (LÖWY, 1985). Por outro lado, temos a posição do agrobiólogo soviético Trofim Denisovitch Lyssenko, de acordo com a qual não há neutralidade na ciência, toda pesquisa é engajada, reflete a ideologia perfilhada pelo pesquisador que, no caso dele, era o materialismo dialético e histórico (BENSUSSAN, 1982: p. 536). Como toda posição rigidamente unidirecional, para a visão ecológica de mundo aqui perfilhada as duas posições são radicalmente parciais. Na verdade, a neutralidade absoluta é impossível, mas deixar que a ideologia e as preferências do investigador direcionem os resultados é condenável. Além da detalhada discussão apresentada por Löwy (1985), vejamos o que dizem outros cientistas sociais e estudiosos de física.

Uma questão importante é a da unimetodologia *versus* multimetodologia. Boaventura de Sousa Santos é claramente a favor da multimetodologia. Em Sousa Santos (1996), ele afirma que "o conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade". Para ele,

"um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica. Sendo certo que cada método só esclarece o que lhe convém e quando esclarece fá-lo sem surpresas de maior, a inovação científica consiste em inventar contextos persuasivos que conduzam à aplicação dos métodos fora do seu *habitat* natural" (48-49).

Na própria física, tida como a rainha das ciências, foi demonstrado que o processo de investigação afeta o resultado. Partindo da "teoria do *bootstrap*" de Geoffrey Chew, cuja base matemática é a "matriz S" (*scattering matrix*), ou seja, "matriz do espalhamento", Capra (1995) diz que "uma metodologia que não utiliza perguntas bem definidas e que não admite nenhum fundamento firme para o nosso conhecimento certamente parece pouquíssimo científica". Para Chew, no entanto, continua o autor, é preciso entender que não há descrições verdadeiras, mas aproximadas, é preciso "reconhecer o papel crucial da aproximação nas teorias científicas" (p. 54). Afinal, "os cientistas não lidam com a verdade; lidam com descrições limitadas e aproximadas da realidade" (p. 55). Em termos

linguístico-ecossistêmicos, é preciso aceitar a multidisciplinaridade e a multimetodologia. A propósito, Capra diz: "passei vários anos integrando ideias de disciplinas diversas num arcabouço conceitual que começava a se delinear com lentidão" (p. 56). Isso porque ele "aprendera com Chew que é possível usarmos modelos diferentes para descrever aspectos diversos da realidade" (p. 57). Com as devidas cautelas, não há a necessidade de ter medo do ecletismo. Tudo isso porque, como nos mostra o perspectivismo (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 43-67, 180-190), só conseguimos ver um pequeno aspecto do objeto investigado de cada vez. Para vê-lo na íntegra é preciso integrar diversas abordagens teórico-metodológicas. Para fazer isso, precisamos da ajuda de especialistas nas diversas áreas, uma vez que o conhecimento está altamente fragmentado. Por fim, na própria física sabe-se que o instrumento de medição afeta o objeto investigado.

Por isso, a linguística ecossistêmica utiliza a visão multilateral da ecometodologia. Ela tem consciência de que tanto os métodos indutivos quanto os dedutivos contêm uma parcela de verdade. Por isso, é preciso pôr os dois a dialogar entre si, enfim, entre indução e dedução tem que haver uma interação dialética. Por um lado, como vários investigadores já disseram, nós achamos o que procuramos, o que pressupõe um ponto de vista prévio, ou seja, algum laivo de teoria, postura dedutiva. Por outro lado, só podemos ter algum ponto de vista se já temos alguma ideia do objeto, o que pressupõe algum tipo de conhecimento ou contato prévio com ele, o que implica uma postura indutiva. Vale dizer, é difícil dizer o que veio primeiro, o ovo ou a galinha. Tudo isso justifica a posição dialética da ecometodologia.

3. Pequeno histórico da metodologia na linguística ecossistêmica

Poderíamos começar pelos pensadores que adotaram a ideia do perspectivismo, como o já mencionado Ortega y Gasset e alguns outros. No entanto, vou partir do sociólogo marxista brasileiro-francês Michael Löwy. Diante da visão de mundo do proletariado e da burguesia, ele apresenta a seguinte pergunta, reportando-se ao livro *Ideologia e utopia* de Karl Mannheim: "qual é a posição que tem as maiores chances de chegar ao máximo de verdade?" Löwy afirma que, para Mannheim, "a consciência burguesa tem um interesse social vital a esconder de si mesma, os limites de sua própria racionalidade, isto é, a burguesia não só tem a necessidade de esconder do proletariado a situação real, mas de si mesma, porque ela precisa de ilusões para acreditar em sua função histórica. O

marxismo, ao contrário, representa um *observatório mais elevado* (grifos no original, hhc) do que a burguesia" (LÖWY, 1985, p. 81). Com efeito, "o ponto de vista do proletariado, então, não é o ponto de vista de tal ou qual fração, tal ou qual categoria, tal ou qual grupo, seja em função de critérios econômicos, nacionais, culturais ou religiosos, mas a busca de um ponto de vista universal, porque o que define o ponto de vista do proletariado é a sua universalidade, que é, digamos, o ponto de vista da totalidade, que está além dos interesses de categorias, de frações, de localidades" (LÖWY, 1985, p. 108). A "visão social de mundo" do proletariado é um "ponto de vista superior" (p. 104), como a visão que se tem a partir da cumeeira da casa ou do topo de uma montanha.

Deixando de lado o viés marxista do autor, é preciso reconhecer que a imagem do observatório de cima da montanha é justamente o que interessa à ecometodologia, que a adotou, juntamente com o método da focalização de Mark Garner, comentado abaixo. Uma das observações mais interessantes de Löwy é a de que "o que define a ciência como tal é a tentativa de conhecimento da verdade" (p. 110), vale dizer, a procura pela verdade, o que tem a ver com as "descrições aproximadas" de Fritjof Capra, segundo as quais, a nova ciência representa uma "mudança de descrições verdadeiras para descrições aproximadas" (1998, p. 133ss.).

O próximo passo no que levou à ecometodologia da linguística ecossistêmica foi dado, mais de onze anos após as ideias de Löwy, pelo alemão Hans Strohner que, aparentemente, as ignorava. A despeito disso, Strohner é duplamente importante para os objetivos aqui colimados. Primeiro, porque foi ele quem primeiro usou a expressão "linguística ecossistêmica" (*ökosystemische Linguistik, ökosystemische Sprachwissenschaft*) por escrito, justamente no ensaio a que estou me referindo (STROHNER, 1996), o que faz dele o iniciador dessa vertente da ecolinguística, seguindo seu colega na Universidade de Bielefeld, Peter Finke, e o discípulo deste, Wilhelm Trampe. Segundo, porque ele foi o primeiro a falar explicitamente em metodologia no seio da própria ecolinguística.

O ensaio Strohner (1996) porta o título de "Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft" (A nova linguística do sistema: por uma linguística ecossistêmica). A seção 3 desse ensaio se intitula justamente "Methodologie". O autor começa dizendo que "ao lado da teoria, a metodologia é o segundo pilar de uma ciência". Em sua opinião, "mais do que no âmbito da teoria, o destino futuro da ecolinguística se mostrará no da metodologia". Por isso, "uma linguística ecossistêmica

tem a oportunidade de desenvolver uma metodologia que envolva uma solução cooperativa de problemas de modo mais adequado do que a metodologia da linguística estruturalista ou de uma linguística funcionalista ingênua" (p. 56).

Strohner diz que o método proposto contém três passos, que ele descreve pormenorizadamente: (1) a empiria produtora de hipóteses (*hypothesenerzeugende Empirie*), (2) a modelização teórica, (3) a empiria comprovadora de hipóteses (*hypothesenüberprüfende Empirie*). Isso antecipa o ciclo dialético da ecometodologia apresentado mais abaixo. O autor encerra a seção sobre metodologia afirmando que mesmo quando o investigador estiver tratando de "questões específicas" elas devem ser encaradas como "parte necessária da metodologia integrativa da linguística ecossistêmica" (p. 57).

Quem expôs a ecometodologia quase nos termos da linguística ecossistêmica foi o ecolinguista britânico Mark Garner, que, também ele, não menciona nenhum dos dois autores que refletiram sobre o assunto antes dele (GARNER, 2004). Como a ecometodologia linguístico-ecossistêmica é quase idêntica à desse autor, eu falarei dela na seção 5 abaixo.

O ecolinguista australiano Joshua Nash dedica a seção "4: Theories, methods and techniques" de sua tese de doutorado, sobretudo a subseção 4.3, à questão da metodologia (NASH, 2011). Albuquerque (2015, p. 136) apresenta uma síntese da proposta desse autor, mostrando que "sua contribuição maior para a metodologia da ecolinguística foi a de elaborar duas propostas de metodologia importantes, são elas: o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico". O primeiro aspecto "leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador", com este agindo como se pertencesse à comunidade. Mais ou menos como os antropólogos que vivem anos a fio nas comunidades indígenas cuja cultura vão investigar. Quanto ao minimalismo empírico, "consiste na escolha de um objeto de estudo reduzido por parte do pesquisador para que possa ser melhor estudada a maior parte das inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema escolhido para investigação". Por fim, acrescenta Albuquerque, para Nash "cada ecologia é única" (p. 138). Como aconteceu com Strohner e Garner, tampouco Nash menciona as reflexões anteriores que eu menciono no presente artigo.

As primeiras reflexões sobre metodologia no âmbito da ecolinguística brasileira – linguística ecossistêmica – foram expostas em Couto (2013c, p. 289-291), em que a própria palavra 'ecometodologia' foi sugerida pela primeira vez. Partindo do pressuposto

de que a ecolinguística é uma nova maneira de se encararem os fenômenos da linguagem, ou seja, de que adota a visão ecológica de mundo, pode-se considerá-la como uma plataforma a partir da qual se pode estudar todo e qualquer fenômeno da linguagem. Salienta-se que as diversas teorias parcelares são como janelas que permitem ver um restrito domínio do objeto de estudo, com o que ele pode ser estudado em suas minúcias. A **ecometodologia** é vista como o ponto de vista da cumeeira da casa, ou o topo da montanha de Löwy, de onde se pode ter uma visão do todo (holismo).

Em Couto (2013a), temos dois pequenos capítulos (p. 115-123) dedicados à metodologia na ecolinguística, inclusive citando os três precursores (Löwy, Nash, Garner). Há um detalhamento maior de como proceder para analisar minúcias de determinado setor. Essas propostas iniciais são retomadas sem grandes acréscimos em dois outros ensaios posteriores. Em Couto (2016b) temos nova tentativa de mostrar como conciliar a visão englobante com o estudo de dados finos de domínios específicos dos fenômenos da linguagem. No ensaio Couto (2017b), por fim, há uma seção intitulada "Holism and multimethodology", em que se apresenta o **método da focalização** (*focussing method*) de Garner. Esse método representa uma implementação e um aperfeiçoamento da proposta inicial de Michael Löwy.

Atualmente, já existem dois ensaios dedicados exclusivamente à metodologia na ecolinguística produzidos por membros do eixo Brasília-Goiânia, isto é, os já mencionados Albuquerque (2015) e Silva (2015). O primeiro deles é o que mais se aproxima da presente proposta. Também ele apresenta um pequeno histórico da ecometodologia, falando dos principais precursores, exceto Löwy, que pode ser considerado o primeiro. Quanto a Silva (2015), é de caráter mais filosófico. Enfatiza a ideia de que a pesquisa em ecolinguística deve partir do ecossistema integral da língua (ex-ecologia fundamental da língua), mas dissecá-lo em seus componentes natural, mental e social, mediante as inter-relações que sempre existem entre eles. Ele exemplifica com uma "mexerica de três gomos": pode-se estudar um gomo específico, mas sem esquecer que ele só faz sentido em suas inter-relações com os outros dois e com o todo da mexerica de que fazem parte. Por fim, distingue a **metodologia de coleta** e a **metodologia de análise** dos dados, outra questão que merece ser investigada, mas que, infelizmente não será abordada aqui.

4. A metodologia em outras eco-ciências

Comecemos pela psicologia ambiental, pelo motivo de a psicologia em geral ter sido uma das primeiras a adotar uma postura que se poderia chamar de ecológica. Poderíamos recuar pelo menos aos gestaltistas e, entre eles, Kurt Lewin (1890-1947). Lewin é um dos inspiradores do tripé do ecossistema linguístico, mesmo sem mencionar a ecologia, termo que não era comum em sua época.

No caso específico da psicologia ambiental, começo com a pesquisa de Hartmut Günther, da Universidade de Brasília. De acordo com esse pesquisador, "ao menos no presente, não há teoria e/ou método que, por si só, seja capaz de explicar a complexidade do comportamento humano". Por isso, continua, "na medida em que os resultados baseados em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas complementem uns aos outros, poderemos eventualmente adquirir uma *Gestalt* mais completa da natureza da psicologia humana". Isso porque, "dadas as múltiplas interfaces da Psicologia Ambiental apontadas acima, tanto dentro quando além da psicologia, o multilateralismo teórico e metodológico é apenas uma consequência lógica, necessária". Por isso, "uma consequência prática deste viés é um interesse predominante em soluções de problemas práticos antes do que o ganho em campos de batalha sobre teorias, não sem esquecer, contudo, a advertência de Lewin de que “nada é mais prático do que uma boa teoria” (GÜNTHER, 2005, p. 180).

Não param por aí as observações de Günther que são semelhantes ao que propõe a linguística ecossistêmica. Na mesma página, ele diz que a psicologia ambiental tem um “*referencial necessariamente interdisciplinar*”, o que "implica não somente em uma aceitação e uso de múltiplas abordagens teóricas e metodológicas, mas em uma abordagem multilateral para lidar com as relações entre campos de estudo". Como se vê, ao lado de multidisciplinaridade, o autor fala também em multilateralidade, que sugere a necessidade de se encarar o fenômeno observado em todas as direções, vale dizer, como inserido em uma rede de interações.

Uma outra ideia interessante encontrável neste ensaio é a do “método como uma consequência da questão” (p. 181). Isso coincide com minhas primeiras palavras sobre ecologia. Em Couto (2013a, p. 119), está relatada a resposta a uma pergunta de Joshua Nash sobre como é a metodologia ecolinguística. "Sem pensar muito, respondi que ela é dada pelo objeto de estudo", embora logo em seguida eu tenha ficado com medo de ter dito uma asneira. Os argumentos de Günther me trouxeram um certo alívio. Eles mostram que eu não fui o único a pensar assim. Metodologia sugerida pelo objeto a ser investigado parece uma atitude inevitável na multimetodologia.

Por fim, Günther asseverou que é preciso "pensar cientificamente e comportar-se praticamente" (p. 181), o que, de certa forma, é uma paráfrase do conhecido dito "pense globalmente, aja localmente", surgido entre os ambientalistas. Para mais argumentos no mesmo sentido, pode-se consultar Günther & Rozestraten (2005).

Vejamos o que se disse em termos de metodologia na sociologia ambiental. Em Dunlap & Catton (1979) e Catton & Dunlap (1980), o que vemos é apenas um histórico desta orientação na sociologia, sua tentativa de se afirmar como disciplina acadêmica. Eles criticam a posição de Émile Durkheim de que fatos sociais viriam de fatos sociais, mostrando que pode haver influência do meio no surgimento deles, embora o contrário também ocorra. Eles condenam o **paradigma do exceptionalismo humano** e defendem o **novo paradigma ambiental**. Um sociólogo que se aproxima do assunto é Stevens (2012), sugerindo que a ecossociologia pode se valer dos achados da ecopsicologia, logo, usar sua metodologia pelo menos em parte. Enfim, pode até ser que os sociólogos ambientais não defendam a multidisciplinaridade explicitamente, mas ela fica implícita na aceitação do modelo do ecossistema biológico, com todas as suas características, como a abertura, a visão abrangente (holística) etc.

Na antropologia ecológica ou ecoantropologia, tem prevalecido o método da observação participante. Esse método frequentemente se combina com o etnográfico, lembrando a proposta de Joshua Nash mencionada acima. Afinal, para se conhecer a cultura de determinado grupo étnico, o pesquisador geralmente mora por um longo período no seio desse grupo, participando do dia a dia de seus membros, adquirindo uma visão de conjunto de toda sua vida e cultura. Com isso, a metodologia acaba sendo multimetodológica (NEVES, 1996). Aliás, a antropologia é a ciência social que apresenta mais afinidades com a ecolinguística.

5. A ecometodologia linguístico-ecossistêmica

A ecometodologia da linguística ecossistêmica é basicamente a proposta de Löwy e Garner, combinadas. O primeiro usou a metáfora do topo da montanha, por oposição à visão de quem está intimamente ligado a um lado específico do objeto investigado. O segundo, mostrou como esse procedimento pode ser posto em prática no momento de se estudar um fenômeno fino tanto da exoecologia quanto da endoecologia linguística. Garner acha que "o método analítico e reducionista tradicional não é apropriado para o

estudo dos fenômenos da linguagem de um ponto de vista ecológico". Partindo dessa visão de mundo, ele sugere o **método da focalização**, que ele descreve da seguinte forma:

"conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face toma conta de toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior" (Garner 2004, p. 202).

A descrição do método da focalização é a melhor exposição de como deve proceder quem pratica linguística ecossistêmica no momento em que precisa estudar determinado fenômeno muito específico da língua, como a nasalidade vocálica em português, as orações relativas, as construções clivadas etc. Praticar uma visão de mundo holística não significa que o cientista seja onisciente, que possa investigar todo e qualquer aspecto de seu objeto. Quando o linguista ecossistêmico precisa estudar um domínio específico da perspectiva de determinada janela (sintaxe, morfologia, fonologia; contato de línguas, análise de discursos etc.) solicita a ajuda de um especialista e avalia os resultados obtidos a partir da visão da cumeieira (como mostrou Löwy) que é a da visão ecológica de mundo.

Por tudo que acaba de ser dito, nota-se que a ecometodologia é inicialmente, e preferencialmente, de base empírica, porém também dialética. Ela começa preferencialmente pelo objeto de estudo (objeto que já estava sendo procurado por alguma perspectiva teórica) e inclui um diálogo com o modelo teórico (modelo teórico escolhido devido ao objeto que o investigador tinha em mira). Enfim, contrariamente às metodologias tradicionais, a ecometodologia pode partir tanto do objeto quanto do ponto de vista teórico, pois sempre os fará dialogar entre si. O que é mais, de qualquer "lado" que partir, terá sempre em mira o outro no momento da partida. Não separa teoria de empiria, nem vai de uma à outra de modo mecanicamente unidirecional, como já sugerira Garner.

Como tentei mostrar em Couto (2018), algumas tendências da ecolinguística são ecológicas sobretudo pelo objeto de estudo (ontologia), no caso, questões do ambientalismo. Elas tratam basicamente de textos-discursos de cunho ambiental, antiambiental ou pseudoambiental, que seriam objetos mais apropriados para a linguística ambiental (COUTO, 2017a). Outras são ecológicas pela teoria (epistemologia), mediante

o uso metafórico de conceitos ecológicos. A ecolinguística crítica, praticada por alguns estudiosos europeus, chega a apresentar as duas características. A linguística ecossistêmica, por seu turno, é ecológica epistemológica, ontológica e metodologicamente. Com efeito, a metodologia das ciências tradicionais em geral vai da teoria para o objeto de estudo, ou do objeto para a teoria, de modo unidirecional. Na linguística ecossistêmica pode-se ir nas duas direções, procedimento típico da visão ecológica de mundo, compatível inclusive com o multilateralismo de Günther. A grande diferença relativamente à tradição é que de qualquer perspectiva que se parta, vai-se na direção da outra, num procedimento dialético. Enfim, a metodologia não precisa ser dada só pela teoria. O objeto de investigação pode também sugerir qual é a metodologia mais adequada a ser utilizada em determinada investigação. Essa segunda postura é a preferida pela linguística ecossistêmica, fazendo-a dialogar com a outra.

A linguística ecossistêmica tem uma postura muito clara que, no fundo, significa adotar a metodologia de qualquer uma das demais ciências sociais e, talvez, as da natureza e da ciência em geral, uma vez que ela é multimetodológica, por ser multidisciplinar. Essa ecometodologia decorre naturalmente da visão ecológica de mundo. Vale dizer, ela é pura e simplesmente uma sistematização do que fizeram os principais precursores comentados acima, quais sejam, Löwy, Strohner e Garner. A proposta de Joshua Nash também é muito interessante, inteiramente válida e está perfeitamente em sintonia com a ecometodologia da linguística ecossistêmica. Ela apenas não tocou na questão da dialética entre visão holística (da totalidade de Löwy) e estudo de dados finos de domínios específicos de determinado fenômeno da língua. Nash parece se ater à visão da janela, não mencionando a da cumeeira.

6. Exemplos de aplicação da ecometodologia

Vimos que a ecometodologia é decididamente multimetodológica. Isso implica ser multiteórica, pois praticamente todos os modelos teóricos têm seu modo de tratar os dados, quer dizer a todos eles está associada, explícita ou implicitamente, uma metodologia de como devem ser aplicados. Assim sendo, gostaria de dar alguns exemplos de investigações especializadas que foram utilizadas para conclusões gerais, de caráter abrangente. Primeiro, temos a pesquisa do vocabulário da linguagem dos ciganos calão do norte de Goiás feita por Melo (2005). Partindo de algumas poucas sobrevivências do léxico romani original, ele pôde ter alguma ideia pelo menos de sua morfologia. A

pesquisa de Couto (2013b) sobre um pequeno grupo de ciganos kalderash de Aparecida de Goiânia (GO) constatou que eles formavam uma comunidade de fala específica, em um bairro da cidade. Notou também que, embora ainda mantenham grande parte da sua variedade de romani (romanês), ela se encontra em obsolescência. Inclusive a cultura está se deteriorando, mesmo porque eles se tornaram evangélicos, com o que muitos de seus hábitos tradicionais passaram a ser vistos como algo "errado", "pecaminoso" etc.

Um exemplo mais interessante de uso de dados obtidos em uma pesquisa de dados bastante específicos para conclusões gerais é o de Mane (2001). Ele fez uma descrição fonológica das variedades linguísticas da Guiné-Bissau conhecidas como mancanha, manjaco e pepel, tradicionalmente tidas como três línguas distintas. Mane constatou que as três têm basicamente a mesma fonologia. Isso foi um argumento para o autor afirmar que se tratava de três variedades ("dialetos") da mesma língua. Vale dizer, uma pesquisa bastante especializada forneceu argumentos para se discutir a polêmica questão sobre qual é a diferença entre língua e dialeto.

Todos esses exemplos mostram casos em que o estudioso usou um modelo teórico específico, foi a campo, coletou dados e os analisou tecnicamente de acordo com os procedimentos previstos na aplicação do próprio modelo. De posse dos dados analisados, o investigador avaliou-os de uma perspectiva mais ampla. Nos três casos, usaram-se teorias e metodologias indutivistas, que permitiram tirar conclusões mais amplas. O procedimento de Pike comentado acima pode ser tido como outro exemplo: partindo de dados fonéticos, lidando com produção sonora concreta pelos falantes das línguas, chegou-se a um sistema fonológico, de interesse para a teoria fonológica.

7. Observações finais

Como disse Hans Strohner, há íntimas relações entre teoria e metodologia. Na verdade, uma não vive sem a outra; nem em casos extremos como o de Chomsky, que disse que não tinha "método/metodologia". O praticante de gramática gerativa precisa ter, como o praticante de qualquer modelo teórico, algum modo de coletar, analisar e interpretar os dados com que trabalha. Por exemplo, os próprios 'testes de aceitabilidade' das versões iniciais dessa teoria já eram um tipo de metodologia de ação, de aproximar dados e teoria. Como sabemos, e creio ter ficado claro em toda a argumentação acima, a metodologia não passa de um modo de ligar teoria e dados.

Vimos que as teorias altamente especializadas, como a teoria fonêmica do estruturalismo americano, podem e devem usar uma unimetodologia bastante específica. Dada a orientação filosófica em que se baseia sua fundamentação epistemológica, não é possível praticar a multimetodologia. O procedimento de Pike mencionado acima é um exemplo, sobretudo se forem acrescentadas as "regras de identificação de fonema" e todo o procedimento de sua aplicação, muito bem explicitados no livro *Phonemics* (1947) do autor. Algo parecido deve ser válido para qualquer outro modelo teórico especializado. Nas disciplinas que perfilham a visão ecológica de mundo, bem como todas as que procuram encarar seu objeto de modo holístico, as coisas não são tão lineares assim. Como disse Günther para a psicologia ambiental, nas ciências "holísticas", como a linguística ecossistêmica, temos o "método como uma consequência da questão" de pesquisa, como consequência do objeto a ser investigado. Enfim, ainda seguindo esse autor, podemos dizer que a ecometodologia da linguística ecossistêmica é multimetodológica e, por encarar seu objeto como formando uma rede e sendo parte de uma rede maior, qualquer "ponto" das interconexões sobre o qual focalizarmos a atenção se relacionará com diversos outros de modo multilateral.

***Nota:** O assunto deste texto foi objeto de uma palestra proferida no III Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (III EBIME), Feira de Santana-BA, Universidade Estadual de Feira de Santana, 5 e 6 de setembro de 2017.

Referências

- ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142.
- BENSUSSAN, Gérard. 1982. Lyssenkisme. In: *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 536.
- CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, 10ed., 1995.
- _____. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 10ed, 1994.
- CATTON JR., William R. & DUNLAP, Riley E. A new ecological paradigm for post-exuberant sociology. *American behavioral scientist* v. 24, n. 1, 1980, p. 15-47.
- CHOMSKY, Noam. *Language and problems of knowledge: The Managua Lectures*. Cambridge: The MIT Press, 1988.
- COUTO, Elza K. N. N. do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013a.
- _____. O meio ambiente dos ciganos de Aparecida de Goiânia (GO). *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 13, n. 1, p. 213-236, 2013b.
- COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, p. 235-313, 2013c.
- _____. Ecological approaches in linguistics: an historical overview. *Language sciences* 41, 2014, p. 122-128.

- _____. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 2, n. 12, 2016a, p. 47-72. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/20035/14225> (acesso: 25/01/2017).
- _____. Ecolinguística. In: MOLLICA, Cecília & FERRAREZI JR., Celso (orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Contexto, 2016b, p. 87-95.
- _____. Linguística ambiental. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/03/linguistica-ambiental.html> (acesso: 12/07/21-17), 2017.
- _____. Ecosystemic linguistics. In: FILL, Alwin & PENZ, Hermine (orgs.). *Routledge handbook of ecolinguistics*. Londres: Routledge, seção I, B 2018.
- DUNLAP, Riley E. & CATTON JR., William R. Environmental sociology. *Annual review of sociology* 5, 1979, p. 243-273.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- GÜNTHER, Hartmut. 2005. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. *Psicologia USP* v. 16, n. 1/2, p. 179-183.
- _____; ROZESTRATEN, Reinier J. A. 2005. Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Textos de Psicologia Ambiental* n. 10, Lab. Psic. Amb., UnB.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985, p. 81.
- MANE, Djiby. Djiby Mane. *Manjaco, mancanha e papel: três línguas ou três dialetos de uma única língua?* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2001.
- MELO, Fábio José D. de. *O calon dos ciganos do nordeste de Goiás: uma língua obsolescente*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2005.
- NASH, Jushua. *Insular toponymies: Pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. Tese de Doutorado, Universidade de Adelaide, Austrália, 2011.
- NEVES, Walter. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Origem e epílogo da filosofia*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
- SILVA, Samuel Sousa. Por uma metodologia própria para a ecolinguística e a ADE. *Via litterae* v. 7, n. 1, p. 143-155, 2015.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 8ª ed., 1996.
- STEVENS, Paul. Towards an ecosociology. *Sociology* v. 46, n. 4, 2012, p. 579-595.
- STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: Fill, Alwin. *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996, pp. 49-58.

Recebido: 07/02/2018.

Aceito: 20/06/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 2, 2018.